



“POR QUE VOCÊ NÃO SABIA QUE ERA PRETA?”: UM DEBATE SOBRE COLORISMO NO ESPAÇO ESCOLAR.

Joane Nery de Jesus¹

Este trabalho é oriundo de um questionamento recebido por mim numa sessão de comunicação, cujo debate era o feminismo negro na perspectiva interseccional, tomando como pano de fundo o debate sobre classe enquanto eixo central naquele momento. Este trabalho, que não difere do outro enquanto aporte teórico, traz consigo parte de minha pesquisa, que precisa levar em consideração o conceito de colorismo em sua discussão. Entender como as pessoas daquele espaço escolar se entendem no âmbito da raça. Discutir raça, classe e gênero no espaço da escola. Neste recorte, me questiono como discutir colorismo no espaço escolar? Será que pessoas negras/pretas se leem assim? Para Munanga, em primeira instância, ser negro é um ato político. No entanto, o caminho que se percorre até essa aceitação transita, principalmente, no letramento racial que pode e deve ser feito no ambiente escolar. Outro ponto também que este trabalho versa, é entender o nosso corpo enquanto um território, que carrega consigo uma memória ancestral. Tendo isso em vista, como pude eu não me entender enquanto negra em praticamente 30 anos de minha vida? Vários debates aqui se encontram quando se pensa em uma família multirracial. Se essas questões só me atravessam com 30 anos de idade, como podem e devem atravessar meus alunos adolescentes? Utilizo durante o processo de pesquisa, o método Deleuzeano, a cartografia, que entendem o sujeito e a pesquisa complementos de si. Por isso, aqui não há resultados alcançados, mas resultados a serem construídos, pois, tal e qual essa pesquisadora, sua pesquisa ainda está em devir.

Palavras-chave: Feminismo Negro; Colorismo; Classe.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luís de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/ Polén, 2019.
- CINTRA, Amanda Mendes Silva Fractal. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. **Revista de Psicologia**, v. 29, n. 1, p.45-53, jan.-abr. 2017. Doi <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i1/1453> ACESSO: 27/05/2024
- DAVIS, A. **Mulheres, Raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. Sao Paulo: Jandaíra, 2021.
- FANON, F. **Pele Negra, Mascaras Brancas**. São Paulo: Ubu editora, 2020.
- MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estud.**, av., vol.18, n.50, São Paulo: Jan./Abr. 2004.

¹ Graduada em Filosofia UESC (2007), graduada em História UESC (2015), Especialista em Educação Científica IFBAIANO – URUCUCA (2020), Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, PPGER - UFSB. (E-mail: j.neryfonseca@gmail.com)

OLIVEIRA, J. C. Conhecimento, currículo e poder: um diálogo com Michel Foucault. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2016. DOI: 10.5335/rep.v23i2.6544. Disponível em <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6544>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Editora Graal: 1983.